



CATÓLICA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
E PSICOLOGIA

---

PORTO

# Vinculação e Dinâmicas Abusivas nas Relações Íntimas

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante -

*Liliana Patrícia Alves de Sousa*

Porto, Fevereiro de 2018



CATÓLICA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
E PSICOLOGIA

---

PORTO

# Vinculação e Dinâmicas Abusivas nas Relações Íntimas

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante -

*Liliana Patrícia Alves de Sousa*

Trabalho efetuado sob a orientação de

Vânia Sousa Lima

Porto, Fevereiro de 2018

*O importante não é o que acontece, mas o que acontece em nós desse acontecer.*

Virgílio Ferreira

## Agradecimentos

Ulteriormente a este trabalho está um caminho percorrido e agradeço a todas as pessoas que, de alguma forma, fizeram parte dele.

À Professora Doutora Vânia Sousa Lima um muito obrigada, pela orientação e apoio que se revelaram fundamentais nesta etapa. Estou grata por me ter aceite como sua orientanda, pela frontalidade, pela exigência e pela confiança depositada.

À minha colega Joana Ribeiro, que foi uma excelente ‘parceira’ na realização deste trabalho tão autónomo e, ao mesmo tempo, tão partilhado. A mutualidade de pensamentos e sentimentos e as atitudes deles decorrentes foi notória. Sem dúvida que poder partilhar com ela esta fase foi uma mais-valia e estou orgulhosa que a tenha concretizado de forma tão positiva.

Ao casal participante, por se ter disponibilizado a partilhar algo tão pessoal e complexo como a sua intimidade.

Um especial agradecimento à minha Mãe; apesar de todas as limitações, foi e é a minha base segura. Se não fosse todo o seu afeto, reforço e persistência, possivelmente não teria chegado aqui. Espero que, depois desta minha fase concluída, possas descansar e recuperar as energias que ao longo dos anos se têm dissolvido.

Ao meu Pai, pelos abraços reconfortantes que só ele sabe dar, por nunca ter deixado que as barreiras o fizessem dizer-me para desistir e pela sua dedicação tão única.

À minha Irmã Sara, pelo seu exemplo de determinação e pela sua colaboração nos momentos mais difíceis. Apesar das nossas diferenças e divergências, espero que nunca deixemos de ‘estar’ uma para a outra.

Aos meus Avós, que são, indubitavelmente, o arquétipo de AMOR e apoio incondicional. O seu exemplo faz-me acreditar que ter e constituir-se uma base segura e duradoura (para não dizer ‘eterna’) é possível. Vovó, a nossa ligação é única e, apesar de saber que nunca serei perfeita como tu, és, foste e sempre serás o meu protótipo.

À minha Tia e Madrinha (e ao Carlos), por se ter disponibilizado a participar neste estudo (embora não tenha sido necessário) e por ser, para além de família, uma amiga.

Ao Nuno, que há dez anos despertou em mim o interesse tão marcante pelas relações íntimas de cariz amoroso e potenciou um questionamento que me levou à escolha deste tema. Agradeço pelo

suporte que foi e até mesmo pelos momentos em que não o foi. Agradeço pela disponibilidade e, acima de tudo, pelo amor... sei que é isso que o move e que, independentemente da sua definição, nos uniu.

Ao Diogo, por me ter mostrado um caminho diferente. Pelas mudanças que instigou e que, de certo modo, me fortaleceram. Por me ter proporcionado momentos de alegria tão singulares e por todos os risos e sorrisos que incita em mim. Por me ter ajudado a (re)definir prioridades, por todo o carinho, motivação e cooperação. Obrigada por seres o meu melhor amigo e companheiro... que seja “para a vida toda”!

Aos meus amigos... exatamente por isso; pela amizade! Um especial agradecimento à Magda, ao Carlos e à Anna.

Para finalizar, agradeço à Sara, minha colega de trabalho, pela disponibilidade e compreensão relativamente aos ‘ajustes de horários’ necessários nesta fase da minha vida.

## Resumo

É na forma como o ser humano interage com o outro de forma efetiva e assertiva que reside o sucesso das interações sociais. Diversos estudos têm sido realizados no âmbito de compreender a vinculação e a sua relação com o estabelecimento das relações de cariz amoroso na idade adulta.

O presente estudo de caso, tem como objetivo perceber de que modo o processo de vinculação se relaciona com a representação da relação íntima e as dinâmicas abusivas entre os cônjuges. Nele participou um casal que mantém um relacionamento amoroso há 6 anos e coabita há 12 meses. Foram utilizados instrumentos de cariz representacional, designadamente a *Adult Attachment Interview* (AAI) e a *Intimate Relationship Interview* (IRI), para avaliar a representação da relação na infância e na relação íntima atual, assim como a *Couple Interaction Task* (CIT), para avaliar a dimensão comportamental.

Os resultados sugerem que a história organizada representacionalmente de cada elemento da díade se associa a qualidade da relação íntima.

**Palavras-chave:** Vinculação; Relações Íntimas; Dominância e Submissão

## Abstract

It's in the way human beings interact with each other in an effective and assertive way that success is achieved on social interactions. Several studies have been carried out in an effort to understand the link and its relation with the establishment of adulthood loving relationships.

This case study example aims to understand how the bonding process relates to the representation of intimate relationships and the abusive dynamics between spouses. With the participation of a couple who has been in a relationship for 6 years as well as living together for 12 months. Representational tools such as *Adult Attachment Interview* (AAI) and *Intimate Relationship Interview* (IRI) were used to evaluate the representation between childhood relationships and current intimate relationships, as well as *Couple Interaction Task* (CIT), used to evaluate the behavioral dimension.

Results suggest that the representationally organized history of dyads each element interferes on the intimate relationship quality.

**Keywords:** Attachment; Intimate Relationships; Dominance and Submission

## Índice

Agradecimentos.....	4
Resumo/Abstract.....	6
Introdução .....	8
PARTE I – CONCEPTUALIZAÇÃO TEÓRICA.....	9
1 – Vinculação .....	9
1.1. Teoria da Vinculação .....	10
1.2. Modelos Internos Dinâmicos.....	11
1.3. Vinculação na Idade Adulta e Relações Íntimas.....	12
2 – DINÂMICAS ABUSIVAS NAS RELAÇÕES ÍNTIMAS.....	15
2.1. Relações Conjugais e Intimidade.....	15
2.2. Violência Conjugal .....	17
2.3. Dominância e Submissão.....	18
2.4. Fatores de Risco e de Proteção .....	19
PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO .....	21
1. Objetivos e Metodologia .....	23
2. Participantes.....	23
3. Instrumentos .....	23
a) Adult Attachment Interview.....	23
b) Intimate Relationship Interview.....	25
c) Couple Interaction Task.....	25
4. Procedimento da Recolha de Dados .....	27
5. Procedimento da Análise de Dados.....	27
6. Resultados.....	28
a) Organização da Vinculação.....	28
b) Representação da Relação Íntima.....	29
c) Representação da Interação Diádica.....	32
d) Avaliação de Comportamentos Dominantes e de Submissão.....	34
7. Discussão de Resultados.....	37
8. Implicações e Limitações.....	40
Referências Bibliográficas.....	42

## Introdução

O presente trabalho insere-se numa linha de investigação sobre os processos de vinculação no contexto das relações íntimas e avaliação da qualidade das mesmas. Sendo esta uma temática de interesse, o objetivo deste estudo prende-se com uma análise das dimensões representacionais (da vinculação) e comportamentais (no contexto da interação diádica), atentando particularmente a identificação de dinâmicas abusivas no casal participante.

A pertinência deste estudo relaciona-se com o facto de que as relações significativas e próximas são consideradas primordiais facilitadoras ou restritivas do processo de desenvolvimento e adaptação saudável do indivíduo (Costa, 2005). Além disso, para muitos sujeitos, a relação que têm com o cônjuge é a relação interpessoal mais importante que desenvolvem ao longo da vida, sendo o impacto da qualidade da mesma um fator determinante para a sua saúde mental (Choi & Marks, 2008). Neste âmbito, é extremamente pertinente compreender o que leva à manutenção destas relações quando elas são opcionais e não potenciam sentimentos positivos, trazendo consequências negativas para a saúde e sendo por vezes pautadas por violência.

É também fundamental entender o papel da vinculação vivenciado na infância e explorar a sua influência na idade adulta bem como nos relacionamentos de cariz amoroso, para cuja qualificação contribuem um conjunto de circunstâncias de âmbito individual, relacional e sociocultural. Neste trabalho serão essencialmente considerados fatores de ordem individual e relacional, respeitantes à organização da vinculação, à representação da relação íntima e à dimensão comportamental na interação diádica.

**PARTE I –**  
**CONCEPTUALIZAÇÃO TEÓRICA**

## 1. Vinculação

### 1.1. Teoria da Vinculação

O estabelecimento de vínculos emocionais é uma necessidade básica do ser humano. Bowlby formulou a Teoria da Vinculação, em 1958, na qual enfatizou a importância da dimensão relacional no desenvolvimento psicológico, realçando a indispensabilidade humana universal de estabelecer relações de proximidade capazes de proporcionar segurança (Ainsworth & Bowlby, 1991). A vinculação inicia-se com uma consistente ligação entre a mãe e o bebé (primeira relação básica) e continua de diversas formas ao longo da vida (Karabekiroglu, 2011).

Na base desta teoria estão os Comportamentos de Vinculação, que desempenham um importante papel na sobrevivência e capacidade de adaptação e exploração do meio (Ainsworth & Bowlby, 1991), podendo ser reforçados ou ativados por diversos fatores percebidos como ameaçadores (Cassidy, 2000). São executados por um indivíduo que procura manter proximidade com o outro claramente identificado, de modo a sentir-se apoiado e confortado (Bowlby, 1988) e a sua organização divide-se em duas categorias: relação de vinculação segura e relação de vinculação insegura – decompondo-se esta última em duas subcategorias: relação insegura-evitante/desligada e relação insegura-ambivalente. Estes conceitos refletem o discernimento relativo à disponibilidade e responsividade por parte da figura de vinculação, baseando-se na avaliação que o sujeito faz relativamente ao seu próprio valor e à confiança que deposita no outro para dar resposta aos seus pedidos de ajuda e proteção (Bowlby, 1973; Feeney & Noller, 1996; Soares, 2009). Um padrão de vinculação seguro permite construir um modelo do *self* valorizado, confiante e merecedor de cuidados, tal como possibilita considerar a figura de vinculação responsiva e acessível. Por outro lado, num padrão de vinculação inseguro, onde as experiências são pautadas por insensibilidade, rejeição ou desvalorização, são desenvolvidos modelos mais negativos de si e da figura de vinculação (Bretherton, 1992; Soares, 2009).

É através da continuidade destas relações que se incrementam os modelos internos dinâmicos (Bowlby, 1973).

## 1.2. Modelos Internos Dinâmicos (MID)

Baseada nas experiências e nos padrões típicos de interação com as figuras significativas durante a infância, cada pessoa constrói modelos internos dinâmicos que se constituem como guiões do seu comportamento interpessoal posterior, uma vez que é a partir destes modelos que são estabelecidas as expectativas acerca do que pode esperar de si e dos outros quando uma relação se efetiva (Bowlby, 1988; Bretherton, 1985). Assim, os MID, considerados relativamente estáveis ao longo do tempo, são estruturas mentais que se constroem a partir das experiências de vinculação e da interpretação das mesmas, orientando não só os comportamentos e sentimentos dos indivíduos mas também a sua memória, atenção e linguagem (Main, Kaplan & Cassidy, 1985). É importante ressaltar que, no decorrer da história relacional, vão-se criando expectativas e significados que influenciarão o desenvolvimento de novas relações e uma possível mudança, tal como que o impacto das novas experiências na estabilidade dos MID depende do significado emocional que assumem para o sujeito (Bowlby, 1988; Grossmann, Winter & Zimmermann, 2002). Portanto, o conceito de modelos internos dinâmicos, central na teoria de Bowlby, permite a passagem do domínio comportamental para o domínio representacional no estudo da vinculação ao longo do ciclo de vida. Esta transferência foi consolidada empiricamente pela *Adult Attachment Interview* (George, Kaplan & Main, 1985), uma entrevista clínica autobiográfica semi-estruturada que dirige a atenção e a memória do indivíduo para as experiências relacionais na infância, visando ativar o sistema de vinculação e avaliar o modo como o sujeito integra as suas memórias no contexto atual. Enfatiza-se a qualidade da organização discursiva relativamente às experiências, em detrimento do teor das mesmas. Assim, mais do que os conteúdos da história pessoal, é a forma e a estrutura da narrativa que assumem um papel primordial na classificação da segurança dos indivíduos, tal como na capacidade de fornecerem um relato coerente e credível sobre as suas experiências e significados atribuídos às mesmas (Crowell & Treboux, 1995). Assume-se que um orador coerente tem a capacidade de se mostrar internamente consistente quando debate experiências de vinculação na infância e que, durante a AAI, é capaz de discutir estas suas experiências sem se revelar emocionalmente exagerado. Por outro lado, indivíduos que produzem um discurso internamente inconsistente, têm propensão para idealizar os seus cuidadores ou normalizar experiências difíceis da sua infância (Haltigan, Roisman & Haydon, 2014).

Segundo Main e Goldwin (1984, 1998), é possível reconhecer três classificações centrais: Seguro/Autónomo; Inseguro/Desligado; Inseguro/Preocupado.

Na primeira categoria inserem-se os sujeitos que valorizam as relações de vinculação. Exibem um discurso coerente, são capazes de fazer uma boa análise das suas experiências de vinculação (sejam

elas positivas ou negativas) e descrevem relações potenciadoras de uma base segura para o seu desenvolvimento.

A categoria inseguro/desligado é caracterizada por uma rejeição ou desvalorização das relações de vinculação, em que os indivíduos desconsideram a importância destas experiências, negando o impacto das mesmas no seu desenvolvimento. Apresentam uma organização discursiva pautada pela inconsistência.

No que concerne à categoria inseguro/preocupado, esta é pautada pela confusão, dissonância e emaranhamento nas relações de vinculação. Os indivíduos expõem um discurso pouco objetivo, divulgam atitudes de crítica relativamente às figuras de vinculação e apresentam dificuldades ao nível da autonomia e do desenvolvimento da identidade pessoal.

Main e Goldwin (1984, 1998) identificam um outro grupo: não resolvido/desorganizado. Nela inserem-se indivíduos com um discurso caracterizado por lapsos na monitorização e cuja análise de experiências passadas é pautada pela desorganização e desorientação.

Existe ainda uma categoria adicional designada CC (cannot classify), que integra os casos em que nenhuma das categorias anteriores pode ser considerada (Fortuna et al., 2011; Haydon et al, 2012).

Numa amostra não-clínica, de acordo com os resultados de uma meta-análise de estudos que utilizaram a AAI, 58% dos indivíduos são classificados como seguros/autónomos, 24% como inseguros/desligados e 18% como inseguros/preocupados, apresentando esta entrevista valores aceitáveis ao nível da fidelidade dos resultados (Waters & Waters, 2006).

A AAI tem sido utilizada no estudo da organização da vinculação no contexto das relações íntimas de cariz amoroso (Lima, 2009; Waters & Cummings, 2000) e concebeu sólidas evidências de que a qualidade das relações estabelecidas com os cuidadores na infância está associada à qualidade das relações românticas instituídas na vida adulta, evidenciando-se que a segurança se correlaciona com a prestação de cuidados e com um maior conforto e facilidade de dependência do parceiro (Roisman, Collins, Sroufe, Egeland, 2005). Assim, as classificações autónomas e seguras associam-se a um funcionamento romântico e à estabilidade do relacionamento, enquanto as restantes se relacionam com um relacionamento instável.

Em suma, ao longo do processo desenvolvimental, as relações estabelecidas com as figuras significativas vão desencadeando os MID, que funcionam como esquemas afetivos que o sujeito vai elaborando acerca de si, dos outros e do meio, sendo a transmissão de segurança, proteção e confiança, fulcral para a construção de representações positivas (Bowlby, 1973). A ativação destes esquemas influencia as escolhas pessoais, fazendo parte destas as relações íntimas.

### 1.3. Vinculação na Idade Adulta e Relações Íntimas

O estudo da vinculação no contexto das relações íntimas encontra as suas raízes nos trabalhos de Hazan e Shaver (1987; 1994), que desenvolveram instrumentos de auto-relato para a avaliação dos padrões de vinculação no adulto, dando corpo às investigações de Bowlby (1973).

À semelhança do que ocorre na infância, a vinculação na idade adulta tem um papel fundamental na estabilidade emocional dos indivíduos e define-se como uma ligação afetiva que visa a procura de proximidade com uma figura capaz de proporcionar segurança, proteção e conforto, sendo esta ligação influenciada e regulada pelas conceções que o sujeito constrói acerca de si próprio e do outro (Weiss, 1991). Contudo, enquanto na relação criança – figura de vinculação, a complementaridade e hierarquização da procura e prestação de cuidados é evidente, no contexto das relações íntimas é esperado um balanceamento contínuo e flexível entre o procurar e o proporcionar segurança e conforto, ou seja, entre o recorrer e o constituir-se como base segura para o outro (Ainsworth, 1991; Crowell & Treboux, 2001).

A certeza da disponibilidade e responsividade por parte da figura de vinculação faz com que o sujeito percecionasse segurança, pertença e partilha, valorizando essa relação e permanecendo nela, sendo traçado um percurso de continuidade e consubstanciado o estabelecimento e desenvolvimento da intimidade, a qual pode ser vista como um conjunto de sentimentos que promovem a proximidade e o vínculo emocional entre o casal (Cassidy, 2001).

Tendo em conta a sua complexidade, uma relação íntima necessita de tempo para se transformar numa relação de vinculação, sendo esperado que este processo, que intenta a demorar cerca de dois anos a desenvolver-se (Cassidy, 2000), ocorra de um modo sequencial: inicialmente os comportamentos de procura de proximidade assumem maior relevo, seguidos pela procura de conforto e apoio e, por último, surge a constituição de base segura. Assim, nas fases iniciais de uma relação, a atração física e o envolvimento sexual tendem a ser as dimensões mais valorizadas e, com o evoluir do relacionamento, a capacidade do outro para proporcionar conforto, segurança e apoio emocional, são os aspetos mais enfatizados (Hazan & Zeifman, 1999).

Assumindo como grelha de leitura a teoria da vinculação, Cassidy (2001) define quatro capacidades básicas no desenvolvimento da intimidade:

Capacidade de procurar cuidados; definida como o sistema comportamental da vinculação e tendo como objetivo conseguir e/ou manter a proximidade com a figura de vinculação, sobretudo em situações percecionadas como ameaçadoras ou desconfortáveis. Envolve a partilha de sentimentos e o reconhecimento das necessidades de apoio e conforto.

Capacidade de prestar cuidados; relacionada com as dimensões de disponibilidade, sensibilidade e responsividade, que se refletem no reconhecimento das necessidades do outro, na abertura e atenção ao que está a ser partilhado e no fornecimento do apoio. De acordo com a teoria da vinculação, adultos que na sua infância tiveram experiências com uma figura de vinculação sensível e responsiva na prestação de cuidados, tendem a desenvolver essa capacidade de forma mais positiva (Cassidy, 2000; Simpson, 2007).

Conforto com a autonomia; traduzida na capacidade de experienciar crescimento pessoal como resultado do envolvimento numa relação, funcionando esta como base segura a partir da qual o indivíduo explora e investe no mundo, possibilitando estar próximo do outro sem que para isso seja necessário aniquilar as suas próprias necessidades e objetivos.

Capacidade de negociação; considerada uma competência crucial numa relação de intimidade, uma vez que os indivíduos têm necessidades diferentes a este nível em função de características e experiências pessoais, sendo fundamental a aptidão para reconhecer e aceitar os sentimentos e as necessidades do outro e, através de um processo colaborativo, trabalhar em conjunto na tomada de decisões ou na resolução de conflitos.

Posto isto, no âmbito de uma relação amorosa, a progressiva atração e envolvimento com uma pessoa está relacionada com a subjetiva perceção de que essa proximidade, física e/ou emocional, poderá resultar na satisfação de necessidades pessoais (Hazan & Shaver, 1994; Pietromonaco & Barrett, 2000), podendo estas ser de vinculação, de prestação de cuidados ou de relacionamento sexual, uma vez que na idade adulta estes três sistemas atuam de uma forma integrada. O adulto sentir-se-á mais seguro se percecionar o seu companheiro como próximo, acessível e responsivo (Hazan & Shaver, 1990).

Em suma, uma vez que a idiossincrasia é algo inerente ao ser humano, à união entre os membros do casal estarão também inerentes desacordos que poderão desencadear afetos negativos.

## 2. Dinâmicas Abusivas nas Relações Íntimas

### 2.1. Relações Conjugais e Intimidade

Inúmeras pesquisas dimensionam o impacto da família no estabelecimento dos relacionamentos conjugais, podendo as relações precocemente estabelecidas entre a criança e a(s) sua(s) figura(s) de vinculação, ser entendidas como prototípicas das relações íntimas na idade adulta (Roisman et al., 2005).

A relação conjugal é uma relação singular entre pessoas que se unem uma à outra, com o propósito de vida mútua em comum. As pessoas assim unidas chamam-se cônjuges (conjuge = con, "um com o outro" + juge, re, "ligação ou união").

A partir da primeira metade do século XX, o conceito de conjugalidade passou a ser definido como uma dinâmica psicológica compartilhada, dando origem ao ideal de complementaridade, que refere que um indivíduo precisa do outro para legitimar o próprio "eu" (Magalhães & Féres-Carneiro, 2003). Assim, os casais iniciam a sua criação com três elementos fundamentais: "eu", "tu" e "nós", que possuem identidades próprias e se interrelacionam, sendo a autonomia, a partilha e a negociação, instrumentos fundamentais da articulação da relação (Alarcão, 2006).

A coabitação é um conceito central na definição da conjugalidade, pois fomenta uma necessidade de ajustamento de partilhas e cedências que possibilitará ao indivíduo tornar-se menos egocêntrico (Lopes, 2008). Para que esta conjugalidade seja vivida de forma positiva, a satisfação com a relação é um componente essencial, sendo pertinente aceder à perceção que os sujeitos têm da sua relação conjugal e às expectativas que criaram relativamente a si próprio e ao outro, ao impacto das mesmas na gestão do quotidiano, às características individuais, à vivência e partilha dos afetos, às competências pessoais e relacionais, às aprendizagens externas e às (eventuais) influências de amigos e familiares (Relvas, 2006). Neste enquadramento, importa referir que os conflitos conjugais são uma experiência inevitável nos relacionamentos e que as estratégias de resolução dos mesmos têm um impacto significativo na satisfação conjugal (Tam & Lim, 2008). Estudos revelam que ao fim de pouco tempo de relacionamento, os casais exibem estratégias negativas para resolver os problemas, sendo a combinação do evitamento e da acusação recíprocos a mais frequente, seguindo-se a de exigência-retirada, que traduz situações em que um dos membros do casal pressiona o outro com pedidos, exigências e queixas, o qual se retira de forma passiva e defensiva de modo a evitar os riscos da discussão (Fincham, 2003).

A literatura tem evidenciado que relações insatisfatórias são caracterizadas pela utilização de estratégias de resolução de conflito destrutivas (manipulação, ameaças, retaliação, inflexibilidade,

evitamento, dominância e subordinação, aliadas a uma comunicação verbal e não-verbal negativa) (Greeff & Bruyne, 2000), prejudicam a qualidade de vida dos casais e aumentam o risco de doenças físicas e de psicopatologias como a depressão e a ansiedade (Sardinha, Falcone & Ferreira, 2009). Em contrapartida, estratégias mais construtivas de resolução de conflitos contribuem para o aumento da satisfação. Por exemplo, resultados de um estudo realizado por Greeff e Bruyne (2000), mostraram que em casais onde um ou ambos os cônjuges utilizaram o estilo competitivo na gestão do conflito, relataram menor satisfação conjugal e que o estilo colaborativo e de compromisso estava positivamente associado com o aprazimento relacional. A satisfação aumenta ainda quando existe coesão, boa capacidade de comunicação, confiança, apreciação, respeito entre os cônjuges e amor, potenciando a saúde mental e o bem-estar geral (Norgren et al., 2004).

Na avaliação da satisfação conjugal é também fulcral a área da intimidade (Narciso & Costa, 1996).

Intimidade deriva da palavra *intimus*, que significa “interior, profundo, essencial” (Crespo, 2007), envolve aspetos motivacionais, emocionais e comportamentais que se expressam na proximidade, aceitação e partilha das emoções e das experiências mais pessoais com o companheiro (Collins & Sroufe, 1999; Prager & Roberts, 2004) e pressupõe expectativas relativamente ao futuro da relação. Inicia-se através do *self-disclosure* (ou autorrevelação) e relaciona-se com os percursos desenvolvimentais de cada elemento do casal (Matos, Duarte & Costa, 2011, cit in Balão, T., 2012), implicando conhecer o outro e a si próprio na presença do outro.

O dar-se a conhecer numa relação de intimidade resulta da perceção da responsividade e abertura do outro, mostrando-se os indivíduos mais dispostos para expor a sua vulnerabilidade e procurar suporte, quando confiam que o seu parceiro é capaz de aceitar e apoiar de uma forma responsiva (Prager & Roberts, 2004). É precisamente através da confiança, no outro e na relação, que se conseguem encarar os períodos de fragilidade a que um indivíduo está sujeito nos momentos de autorrevelação (Crespo, 2007). Assim, do mesmo modo que a intimidade contribui para o desenvolvimento de um sentimento de segurança, este contribui para o desenvolvimento da intimidade (Collins & Feeney, 2004).

No entanto, as circunstâncias de apoio e proteção que potenciarão essa segurança nem sempre são evidentes, sendo possível afirmar que as relações podem ser (des)construídas, vivenciadas e sentidas de formas muito diversas.

## 2.2. Violência Conjugal

O modo como o indivíduo defronta emoções negativas, trata-se de uma capacidade essencial no desenvolvimento de uma relação íntima (Feeney, 1999), podendo as diferenças no padrão de vinculação refletir distintas experiências de regulação emocional.

Estudos empíricos desenvolvidos no âmbito da teoria da vinculação, mostram que crianças maltratadas durante a infância apresentam frequentemente modelos representacionais “inseguros” na idade adulta (Crittenden, Partridges, & Claussen, 1991), o que potencia uma maior dificuldade no relacionamento íntimo (Hazan & Shaver, 1987). Usualmente, estes indivíduos são vítimas ou perpetradores de maus tratos nas relações interpessoais com pessoas significativas (Dutton, Saunders, Starzomski & Bartholomew, 1994; Wekerle & Wolfe, 1998).

A violência conjugal é percebida como a ocorrência de um dano físico, psicológico e/ou sexual infligido por um dos parceiros de uma relação conjugal (Colossi et al, 2015), continua a prevalecer como o tipo de violência doméstica mais praticada (Rocha et al., 2010) e, geralmente, obedece a um ciclo de escalada e intensificação que quanto mais cedo for identificada, menor serão os riscos de acentuação e perpetração das agressões. É considerada uma experiência traumática que gera nas vítimas um sentimento de total impotência, com prejuízos para a sua saúde física e psicológica (Magalhães, 2010). Os índices são preocupantes, sendo de ressaltar que não abrangem a totalidade dos casos uma vez que muitos episódios não são identificados ou denunciados, aludindo, comumente, apenas à violência física (Morgado, 2004, cit in Ramos & Oltramari, 2010) dado ser a que deixa marcas visíveis ou mais difíceis de ocultar. Como referem Alvim e Souza (2005), uma vez que a violência psicológica carece de materialidade, a sua identificação por terceiros é dificultada, reduzindo o volume das denúncias. Além disso, os limites e regras de convivência são muito subjetivos para definir este tipo de agressões. Coker, Smith, Bethea, King e McKeown (2000), numa amostra de 1152 mulheres com idades compreendidas entre os 18 e os 65 anos, observaram que 53,6% relatam alguma forma de abuso perpetrado pelo companheiro, sendo que 13,6% reportam especificamente abuso psicológico na ausência dos outros tipos de abuso.

Segundo Walker (1994, cit in Freitas, G. 2012), a violência conjugal é um padrão de controlo coercivo que envolve o exercício de poder e dominação num relacionamento íntimo, visando o agressor dominar o outro, fazê-lo sentir-se incompetente, subordinado, sem valor e com medo e a sua dinâmica revela um processo cíclico, relacional e progressivo. Walker (1999) propôs que o ciclo violento compreende três fases, nomeadamente a “construção da tensão”, a “tensão máxima” e a “lua de mel”. A primeira fase corresponde ao início de pequenos incidentes, considerados aceitáveis e controláveis. Na segunda fase, dá-se a perda do controle sobre as situações e as agressões são

intensificadas e levadas ao extremo. Por último, na “lua-de-mel”, procede-se à reestruturação do relacionamento, sendo evidenciado o arrependimento por parte do ofensor, o desejo de mudança e a promessa de que os atos violentos não se repetirão, restabelecendo-se e mantendo-se a relação conjugal (Walker, 1999).

As experiências de abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro têm efeitos adversos significativos a curto e a longo prazo, designadamente depressão, hostilidade, raiva e comportamentos agressivos, os quais se relacionam com o sistema imunitário e com a saúde e associam a um pior funcionamento físico e mental do indivíduo. Tendo em conta os vários estudos empíricos, concluímos que todos os tipos de abuso (físico, psicológico e sexual) determinam uma maior vulnerabilidade para a presença de perturbações psicológicas e/ou físicas (e.g. Cascardi, Langhinrichsen & Vivian, 1992, Campbell & Lewandowski, 1997; Coker et al., 2000; Lown & Veja, 2001), que a agressão psicológica é considerada a mais presente nesses relacionamentos e favorece uma relação de desqualificação, pautada por exigências e submissão de ambos (Levy & Gomes, 2008).

### **2.3. Dominância e Submissão**

As relações abusivas são qualificadas por dois pólos: o da dominação e o da submissão, visando a atitude de quem detém o domínio anular o outro na sua condição de sujeito e submetê-lo à sua vontade, sendo a capacidade de controlar o parceiro definida como um dos comportamentos-chave a que subjaz a dominância.

Verificou-se que comportamentos agressivos e controladores, tal como interações com pares desviantes durante a infância e adolescência, estão associados a relacionamentos românticos disfuncionais (Linder & Collins, 2005), existindo evidências de que o início dos sistemas diádicos voluntários são semelhantes.

No contexto dos relacionamentos íntimos, os comportamentos de dominância estão associados a afeto e exibições negativas de emoção e são utilizados de diversas maneiras. Os homens tendem a exibir comportamentos mais diretos e são apontados como o agressor predominante no que concerne à violência física, enquanto as agressões psicológicas, como manipulação, provocações, insultos e ameaças, são mais atribuídas ao sexo feminino e mais difíceis de identificar (Ostrov, 2007). Assim, embora ambos possam assumir o papel de autor e/ou vítima na relação, a questão do género desempenha uma função importante na distinção do tipo de agressão perpetrada (Gomes et al., 2012; Schraiber et al., 2009). Além disto, a violência bidirecional foi identificada como a mais prevalente

no casal (Bernards & Graham, 2013, cit in Colossi et al, 2015), em que vítima e agressor alternam de papéis consoante as situações, como se fosse um ‘jogo de forças’, sendo o comportamento e as práticas abusivas que pautam a dinâmica conjugal frequentemente realizados mutuamente (Colossi & Falcke, 2013).

Na sequência de um estudo referente à dominância no diálogo existente entre casais que estavam em processo terapêutico devido a situações de violência doméstica, foi demonstrado que os homens eram quantitativa e interactivamente mais dominantes (falavam e influenciavam mais as ações comunicativas) e as mulheres exerciam um controlo mais elevado sobre o domínio semântico (introduziam novas temáticas/decidiam os assuntos abordados) (Keltikangas et al., 2014; cit in Vall et al, 2015). Estes resultados expressam o “jogo de controlo e poder” e que o domínio do género masculino é mais facilmente identificado, enquanto a expressão feminina parece assumir um carácter de “invisibilidade”.

As consequências da dominância indicam uma “luta interna” estabelecida nos membros do casal, cada um com diferentes estratégias discursivas mas ambos com o objetivo de que a sua voz seja ouvida (Seikkula, 2002).

Estudos associam a autoconfiança, o poder de persuasão e a capacidade de liderança, com estilos de interação dominantes (Ostrov, 2007). Algumas especificidades representativas das díades em que está presente o clima de dominância, passam pela existência de poucas interações sociais, emoções negativas (como a raiva), insatisfação com o relacionamento e precocidade dos problemas sócio-emocionais (Ostrov, 2007). Determinados comportamentos de externalização, nomeadamente a impulsividade, agressividade, hostilidade, interações negativas e condutas controladoras no que concerne às amizades, são associados com relacionamentos românticos disfuncionais (Ostrov, 2007).

No que concerne aos comportamentos de submissão, estes surgem como estratégias defensivas e adaptativas, com o intuito de diminuir ou desativar a agressão no outro (Gilbert, 2007), podendo ser entendidos como uma fuga às próprias necessidades em situações de conflito (Akin, 2009) e percebidos como não hostis e não coercivos, em que os indivíduos negam ou simplesmente não impõem os seus sentimentos e crenças. Os sujeitos submissos geralmente assumem a culpa pelos acontecimentos, sendo a submissão frequentemente denotada em vítimas de violência (Akin, 2009). Neste âmbito, é pertinente aludir à recursividade das interações e à complementaridade das mesmas, em que comportamentos dominantes induzem comportamentos submissos e vice-versa.

## 2.4. Fatores de Risco e de Proteção

Existem fatores que contribuem para o despoletar das situações de violência, mantendo-a ou agravando-a, podendo relacionar-se com características da vítima, do agressor, do contexto familiar ou do contexto sociocultural (Magalhães, 2010), sendo os fundamentos da violência centrados essencialmente nas características do agressor ou em aspetos que o afetam diretamente.

A importância dos relacionamentos iniciais entre pares no desenvolvimento dos relacionamentos românticos adultos, tem sido documentada em vários estudos (Ostrov, 2007), sendo confirmada a tendência à repetição de padrões relacionais afetivos e/ou destrutivos experienciados e aprendidos na infância. Neste âmbito, diversas pesquisas associam os relacionamentos íntimos pautados por hostilidade com os esquemas precoces mal adaptativos. Swinford, DeMaris, Cernkovich e Giordano (2000), num estudo longitudinal realizado com 608 sujeitos, observaram que as práticas disciplinares de punição física na infância estão diretamente relacionadas com a perpetração de abuso no relacionamento íntimo no início da idade adulta. Além disto, estudos indicam que os esquemas de desconfiança, grandiosidade, inibição emocional, autocontrolo insuficiente, isolamento social, dependência funcional, auto-sacrifício e desconsideração pelo outro, estão correlacionados positivamente com a violência conjugal (Crawford & Wright, 2007, cit in Pinheiro, 2015; Paim, Madalena & Falcke, 2012).

Permanecer ou sair de uma relação abusiva depende do julgamento da vítima relativamente às suas necessidades, alternativas e recursos (Matos, 2006), sendo que a evasão dessa situação representa sempre um período de ajustamento a uma nova condição de vida. Apesar da insatisfação relacional e da angústia diária, existem fatores que dificultam a rutura da relação, nomeadamente o medo, a auto-culpabilização, a baixa auto-estima e o receio de não ser acreditada ou de ser julgada. Consequentemente, surgem mecanismos de resistência a essa rutura, como a minimização (a vítima tende a minimizar o abuso afirmando, por exemplo, que “podia ter sido pior”), a negação (que pode surgir como um mecanismo de defesa), a repressão (sendo a lembrança do acontecimento doloroso eliminado da consciência), a dissociação (dá-se uma alteração da mente ou da personalidade, podendo ser excluídos do estado de consciência os eventos que envolvem a própria pessoa), a confusão e a disfunção cognitiva (podem surgir distorções acerca do que é ou não verdadeiro, deficits para processar informações, ou mesmo alterações mnésicas) (Marques, 2005).

Não obstante os inúmeros fatores de risco, existem fatores protetores que ajudam os indivíduos a manter-se fora de relacionamentos abusivos, designadamente a capacidade de resiliência, a autoestima, as interações pessoais positivas, a capacidade de adaptação, a autonomia, a maturidade emocional e o suporte social (OMS, 2004).

Também os efeitos das experiências positivas dos cuidados na infância influem sobre a qualidade do relacionamento interpessoal com o companheiro. Um relacionamento positivo com as figuras parentais e a presença de ações de apoio e afeto por parte das mesmas, são poderosos preditores de um relacionamento adequado durante a idade adulta, associando-se, num estudo longitudinal realizado com 193 jovens adultos e seus respectivos companheiros, à presença de comportamentos calorosos, apoiantes e de níveis inferiores de hostilidade (Conger, Cui, Bryant, & Elder, 2000).

Em suma, de alguma maneira o ser humano está sempre conectado com outros e precisa deles para se estruturar e desenvolver. As pessoas com quem se convive desempenham um importante papel no que concerne às aprendizagens, responsabilidades e escolhas, potenciando reações e sensações que podem contribuir para o desenvolvimento, paralisação ou regressão do indivíduo. Estas bases desenvolvimentais são iniciadas na infância e podem sofrer alterações ao longo do ciclo de vida (nomeadamente nas interações íntimas de cariz amoroso), podendo estas ser positivas (quando os relacionamentos são funcionais e é denotada satisfação e crescimento nos elementos da díade) ou negativas (quando se verifica a ausência de aspetos positivos e que um ou ambos os elementos inibem o desenvolvimento individual do outro). Assim, a conjugalidade pode propiciar tanto ligações saudáveis e construtivas como estagnação, frustração e sofrimento (Anton, 2002).

**PARTE II –**  
**ESTUDO EMPÍRICO**

## 1. Objetivos e Metodologia

Fundamentado no enquadramento teórico descrito na primeira parte, a elaboração do presente estudo de caso tem como objetivo geral identificar no casal participante aspetos semelhantes ao que a revisão da literatura confere como dinâmicas abusivas e relacioná-las com a organização da vinculação e com a representação da relação íntima.

Como **objetivos específicos**, foram definidos:

- Avaliar de que modo a organização da vinculação e a representação da relação íntima se relacionam com a dimensão comportamental na interação diádica, especificamente comportamentos dominantes e de submissão.
- Avaliar a interação diádica e de que modo o cônjuge contribui ou inviabiliza o desenvolvimento individual do outro, atendendo a comportamentos de dominância, submissão e resolução de conflitos.

## 2. Participantes

Foram definidos como critérios de inclusão indivíduos heterossexuais, adultos, que mantivessem uma relação íntima de cariz amoroso há pelo menos dois anos e coabitassem há pelo menos seis meses. Considera-se que, em média, dois anos é o período a partir do qual se estabelece a relação de vinculação com o parceiro (Hazan & Shaver, 1994) e o tempo necessário ao ajustamento, adaptação e aprendizagem do casal (Tam & Lim, 2008). Além disso, diversos estudos salientam que, comumente, é a partir do segundo ano de relação conjugal que o companheiro se constitui a principal figura de vinculação (Hazan & Zeifman, 1999; Cassidy, 2001).

Por se considerar que a parentalidade influencia a experiência da conjugalidade (Crowell, & Treboux, 2001), foram excluídos casais com filhos desta ou de outras relações.

Esta investigação consiste num estudo de caso e os participantes formam um casal heterossexual (Roberto – elemento masculino, 27 anos e Mafalda – elemento feminino, 26 anos) que mantêm uma relação íntima de cariz amoroso há 6 anos e coabitam há 12 meses. É de ressaltar que não estão envolvidos em psicoterapia individual ou de casal e que os nomes aqui apresentados são fictícios, de modo a proteger e garantir a confidencialidade dos intervenientes.

### 3. Instrumentos

Após o preenchimento de um breve questionário de recolha de informações relativas a variáveis sociodemográficas de cada elemento da díade (idade, habilitações literárias, estado civil, profissão) e às características da relação (tipo de relação, tempo total da relação, tempo de coabitação), cada elemento do casal foi avaliado ao nível da representação da vinculação (*Adult Attachment Interview*), da representação da relação íntima (*Intimate Relationship Interview*) e da interação diádica (*Couple Interaction Task*).

#### a) *Adult Attachment Interview (AAI)*

A AAI foi desenvolvida por George, Kaplan e Main (1985). É uma entrevista semiestruturada, de natureza biográfica, que visa avaliar a representação da vinculação através da análise das narrativas e da organização discursiva. Contempla 20 questões abertas que abordam, inicial e essencialmente, as experiências de vinculação dos indivíduos na sua infância e a forma como eles as interpretam no momento atual (Crowell & Treboux, 1995; Fortuna et al., 2011; van IJzendoorn, 1995). É solicitado ao indivíduo que se situe na sua infância e descreva de forma breve o contexto e a história familiar de que se recorda. Pede-se que enumere cinco adjetivos para cada uma das suas figuras de vinculação (pai e mãe) que caracterizem a relação que tinha com as mesmas e dê exemplos de episódios vivenciados que ilustrem os adjetivos mencionados. Posteriormente, são feitas questões específicas alusivas a temáticas críticas da relação e abordadas possíveis separações e experiências de rejeição. Para finalizar, são abordadas relações com outros significativos e a ligação atual com os progenitores. É requerido ao indivíduo que se centre no momento presente e descreva a relação atual com os pais, expondo qual a influência que esta tem na interação com os seus filhos (reais ou imaginários) (Lima, 2009; Main, Hesse & Kaplan, 2005). Cada tema invoca recordações de acontecimentos representativos e reporta à avaliação do impacto dos mesmos no desenvolvimento da personalidade e das relações de vinculação estabelecidas.

A AAI tem uma duração de aproximadamente 60-90 minutos e é gravada em formato áudio.

O seu sistema de cotação fundamenta-se no discurso do indivíduo e na sua capacidade para prover uma narrativa coerente e credível relativamente às experiências na infância e aos significados atribuídos às mesmas.

### **b) *Intimate Relationship Interview (IRI)***

A IRI foi desenvolvida por Lima, Soares, Vieira e Collins (2005). É uma entrevista semiestruturada, que visa avaliar a representação da relação íntima por parte de cada elemento do casal, analisando o modo como o indivíduo organiza, integra e interpreta as experiências sucedidas no contexto da relação, tal como as estratégias que utiliza para lidar com as mesmas (Lima, 2009).

É gravada em registo áudio, tem uma duração média de 30 minutos e é realizada individualmente.

A sua avaliação assenta no nível semântico - que analisa a forma como o indivíduo descreve as suas experiências e as interpretações e reflexões que faz das mesmas, e no nível episódico - centrado na capacidade de sustentar as descrições concebidas através de acontecimentos específicos no seu relacionamento (Lima, 2009).

Começa por avaliar a influência das figuras primárias de vinculação na relação íntima atual. De seguida, é explorado o modo como cada um dos elementos do casal representa a interação ao nível da capacidade de procura e de prestação de cuidados, tanto em situações associadas à relação íntima (e.g.: conflito do casal), como noutras situações de desconforto (e.g.: problemas com amigos). Posteriormente, avalia-se a regulação de proximidade e distância relativamente ao outro e a representação da relação do ponto de vista sexual (ao nível da comunicação, satisfação e expressão do desejo). Para terminar, são avaliadas a satisfação, as expectativas e as aprendizagens associadas à relação (crescimento pessoal, autonomia), através de um balanceamento entre as necessidades individuais e as necessidades da relação (Lima, 2009).

O processo de cotação da IRI é realizado a partir da transcrição das entrevistas e o seu sistema de cotação é composto por 7 escalas, cada uma de 5 pontos.

### **c) *Couple Interaction Task - CIT***

A CIT (Collins, Hennighausen, Madsen & Roisman, 1998, cit in Lima, 2006) é um procedimento de observação comportamental e compreende dois momentos distintos (registados em vídeo): uma tarefa de negociação e resolução de conflitos e uma tarefa colaborativa.

Previamente, o casal preenche, individualmente, um breve inventário no qual deve indicar, para cada área apresentada, o grau que reflete atualmente um problema. Estão presentes 11 possíveis áreas problemáticas que frequentemente ocorrem no contexto das relações íntimas, tendo o indivíduo a possibilidade de acrescentar outros problemas a essa lista. A avaliação é executada

consoante uma escala de 10 pontos, tipo Likert, alternando entre 1 – “Não é problemático” e 10 – “É muito problemático”.

Posteriormente, dá-se início à gravação em formato vídeo das tarefas de interação do casal e, no primeiro momento – tarefa Markman-Cox, ser-lhe-á solicitado que, em conjunto e tendo em conta o questionário anteriormente preenchido, selecione de uma lista de possíveis problemas aquele que se apresenta como maior suscitador de discórdia na sua relação. Pede-se que conversem acerca do tópico nomeado durante 10 minutos, expondo cada um dos elementos as suas posições e procurando encontrar uma solução satisfatória para ambos.

De seguida, é requerido ao casal que, durante 4 minutos, converse sobre as áreas que não avaliam como problemáticas na relação.

No segundo momento do protocolo de avaliação – Ideal Couple Q-Sort, é solicitado a cada elemento que descreva uma relação ideal ou um casal perfeito para si. Nesta tarefa não é imposto limite de tempo, sendo pedido que distribuam 45 itens (e.g. “Ter os mesmos interesses”; “Sentir-se seguro e confiante na relação”; “Estar fisicamente atraídos um pelo outro”) por 3 categorias (“Caracteriza bem”; “Caracteriza nem bem nem mal”; “Caracteriza mal”), consoante o que consideram ser uma relação ou um casal exemplar.

As tarefas são realizadas pelo casal na ausência do investigador, exceto nos momentos em que são fornecidas as instruções.

O sistema de cotação da CIT assenta num conjunto de 10 escalas, agrupadas em 4 dimensões:

**Tonalidade Emocional** (Afeto Positivo Diádico, Afeto Negativo Diádico, Raiva, Hostilidade); **Processo** (Resolução de Conflito, Base Segura); **Equilíbrio / Balanceamento** (Assertividade vs Auto-Retramento, Desenvolvimento do Indivíduo vs Desenvolvimento da Relação, Relação vs Mundo Exterior) e **Avaliação global** (Qualidade da Relação). A cotação de cada escala envolve a atribuição de uma classificação de cariz ordinal, que poderá oscilar entre 5 e 7 valores (Lima, 2009), correspondendo à forma e à intensidade com que determinadas características da relação se manifestam durante a interação, sendo objetivo primordial da CIT avaliar o processo de interação e não o conteúdo da mesma. O casal é avaliado como uma unidade, existindo apenas uma cotação alusiva à interação diádica para cada escala.

#### 4. Procedimentos de Recolha de Dados

Os participantes foram selecionados da comunidade atendendo a um formato de conveniência, através do estabelecimento de contactos informais. O primeiro contacto realizou-se via telefónica, procedendo-se a uma apresentação do projeto de investigação e solicitando a colaboração voluntária do casal, assegurando, desde logo, a confidencialidade da sua participação e dos dados que seriam recolhidos. Após aceitarem e facultarem a sua disponibilidade, foi agendada a recolha de dados, a qual se efetuou na Clínica Universitária de Psicologia (CUP). O casal foi recebido pelo investigador, sendo requerido, previamente à realização de qualquer tarefa, a declaração do consentimento informado, devidamente documentado por escrito, de modo a serem assegurados os princípios éticos da privacidade, confidencialidade, voluntariedade, beneficência e não maleficência que integram o quadro deontológico dos psicólogos.

Posteriormente, foram realizadas entrevistas individuais, nomeadamente a AAI e a IRI, seguindo-se a administração da CIT.

#### 5. Procedimentos de Análise de Dados

Foi utilizado o Adult Attachment Q-Sort como método de análise e classificação das AAI's, o qual permite avaliar o recurso a estratégias de segurança vs insegurança e estratégias de desativação vs hiperativação, correlacionando-se estas com os padrões de vinculação seguro, desligado e preocupado (Lima, 2009). Feita a transcrição, cada entrevista foi cotada de forma autónoma por pares de juízes formados pelo método Q-Sort. Procedeu-se à avaliação de acordo entre eles e, posteriormente, à avaliação da correlação das médias das suas cotações. No caso do elemento feminino foi necessário recorrer a um terceiro juiz.

No que concerne à avaliação das IRI's, foram igualmente transcritas e a sua cotação assegurada por dois juízes certificados, tendo-se procedido à avaliação do acordo entre juízes.

Relativamente à avaliação das CIT 's e de modo similar ao que ocorreu com os demais instrumentos, foi concretizada por dois juízes formados no método de análise. Procedeu-se à apreciação do acordo entre juízes e definiu-se a avaliação e cotação das escalas.

No que concerne à Avaliação de Comportamentos Dominantes e de Submissão, esta foi realizada com recurso à CIT e tendo por base um estudo realizado por Vall, Seikkula, Laitila e Holma (2015), que avalia a dominância e o diálogo em casais em contexto terapêutico no decorrer de situações de violência doméstica. Neste âmbito, foi citado um modelo proposto por Linell e seus colaboradores (1988) que avalia a dominância no diálogo através de três dimensões: quantitativo, semântico e

interacional. Isto significa que o elemento da díade que é dominante fala mais durante toda a sessão (dominância quantitativa), introduz novos temas (dominância semântica ou temática) e controla o seguimento da conversa - ações comunicativas, iniciativas e respostas (dominância interacional).

## **6. Resultados**

Posteriormente, expõe-se os resultados relativamente aos instrumentos utilizados e à avaliação dos comportamentos de dominância e submissão denotados na díade.

### **a) Organização da Vinculação**

A cotação da AAI permitiu classificar o elemento masculino como Desligado. Apesar de referir uma história relacional positiva com os progenitores, não é capaz de apresentar situações episódicas que sustentem as suas estimações, não respeitando as máximas da coerência entre as representações semânticas e as evidências episódicas.

No que concerne ao elemento feminino, foi classificado como Seguro com Desativação. Apresenta qualidade na descrição das experiências na infância, através de uma narrativa fundamentada, credível e organizada, valorizando o apoio recebido por parte dos progenitores e sendo capaz de refletir acerca do impacto da relação com os mesmos no desenvolvimento da sua personalidade. Contudo, em determinadas situações, tem dificuldade em sustentar episodicamente as apreciações globais que realiza.

**b) Representação da Relação Íntima**
Tabela 1. Resultados da *IRI*

Escala	Elemento Masculino		Elemento Feminino	
	Cotação	Classificação	Cotação	Classificação
Integração de Afeto Positivo e Negativo	4	Alto	4	Alto
CareSeeking	3	Médio	2	Baixo
CareGiving	5	Muito Alto	2	Baixo
Intimidade Sexual	4	Alto	4	Alto
Desenvolvimento do Indivíduo vs Desenvolvimento da Relação	5	Muito Alto	4	Alto
Idealização	2	Baixo	2	Baixo
Coerência	4	Alto	4	Alto

Ambos os elementos da díade obtiveram um valor alto na **Integração de Afeto Positivo e Negativo**, revelando a capacidade de reconhecer aspetos que suscitem emoções positivas e negativas da relação diádica, sendo, porém, estas últimas pontualmente descuradas (e.g.: Roberto (referindo-se a dificuldades no contexto da relação): “Se for preciso conta-se à Mafalda que alguma coisa não está bem-feita, se for preciso ela conta-me a mim.”; Mafalda.: “Todos os casais têm os seus conflitos, os seus problemas... eu e o Roberto já namoramos há 6 anos, mas nem tudo foi um mar de rosas, não é?”).

Na escala **Careseeking**, Roberto obteve um valor médio. Valoriza a procura de cuidados mas efetiva-a de modo estandardizado, exibindo dificuldade em identificar episódios específicos em que a mesma ocorra. A representação do outro como disponível alia-se à representação de si como sendo capaz de procurar cuidados. Nesta escala está patente a dissimilitude nas cotações, tendo Mafalda obtido um valor baixo. A procura de cuidados é realizada de modo encoberto, denotando-se a incapacidade de sinalizar de modo claro e consistente situações de desconforto. A representação indicia que esta sinalização é executada de modo difuso e com irritabilidade, tanto em problemas que emergem no contexto da relação (e.g. “Eu sou mais casmurra, então tem que ser ele a vir ter comigo, porque eu não gosto de dar o braço a torcer.”) como em circunstâncias não diretamente associadas à mesma (e.g. “Quando estou aborrecida fico insuportável, ninguém pode dizer nada que eu fico mesmo insuportável e depois é o Roberto que leva por tabela, não é? Depois ele não pode falar comigo que começa logo “pronto, já sei que não te correu bem o dia”).

Na escala **Caregiving**, Roberto obteve um valor muito elevado, mostrando-se sensível, disponível e responsivo perante as necessidades da companheira, sejam elas de cariz pragmático ou emocional, valorando o papel de prestação de cuidados e revelando capacidades de reflexão, integração e organização (e.g.: “Dou-lhe atenção, dou-lhe ideias, estou sempre a apoiá-la, nunca a rejeito, nunca a deixo sozinha a falar para as paredes, estou sempre pronto a ajudá-la, sempre ao lado dela, nos bons e nos maus momentos.”; “Quando foi a morte da irmã foi um momento muito difícil para ela. E eu estive presente ao lado dela.”). Inversamente ao que acontece com o cônjuge, o elemento feminino obteve um valor baixo, sendo evidente a dificuldade no reconhecimento das necessidades de Roberto, tal como a incapacidade de ilustrar episodicamente a qualidade da prestação de cuidados (e.g.: “Fala e desabafa (...), mas é diferente o caso e tem de ser mesmo ele a vir ter comigo.”; “Ouço e aconselho.”).

No que respeita à **Intimidade Sexual**, ambos obtiveram um valor alto, denotando-se uma valorização da emocionalidade integrada no contexto da relação sexual, a qual é globalmente avaliada como satisfatória (e.g.: Roberto: “Formamos um bom casal, temos uma relação sempre bem ativa e

falamos, ficamos sempre com satisfação um do outro.” ; Mafalda: “Estamos há pouco tempo casados isto agora é uma maravilha.”).

Na escala **Desenvolvimento do Indivíduo vs. Desenvolvimento da Relação**, Roberto obteve um valor muito alto, sendo a relação retratada como singular e promotora de desenvolvimento individual. Demonstra considerar as necessidades da relação e envolver-se nas mesmas com satisfação (e.g. “É o nosso desejo, agora é constituir uma família..., entender sempre um ao outro, ser uma relação segura.”). Nesta escala, a Mafalda obteve um valor alto, sendo a relação representada como promotora de crescimento e desenvolvimento individual, não obstante seja apresentada a dificuldade em identificar o contributo pessoal para a satisfação das necessidades da relação (e.g. “por isso é que hoje estamos casados e a pensar no futuro... posso dizer que nos damos bem, temos os mesmos objetivos de vida e isso ajuda.”).

No que concerne à **Idealização**, ambos obtiveram um valor baixo. Apesar da representação da relação íntima ser avaliada como coerente, por vezes denota-se dificuldade em validar episodicamente diversas estimações positivas que mencionam.

Na escala **Coerência**, ambos obtiveram um valor alto. Apresentam clareza no discurso relativamente a si, ao outro e à relação, embora ocorram situações em que não são capazes de sustentar episodicamente as representações concebidas.

c) **Representação da Interação Diádica**

Tabela 2. Resultados da *CIT*

Escala	Cotação	Classificação
Afeto Positivo Diádico	2	Baixo
Afeto Negativo Diádico	2	Baixo
Raiva	1	Muito Baixo
Hostilidade	2	Baixo
Resolução de Conflito	2	Baixo
Base Segura	2	Baixo
Equilíbrio I: Abertura e Assertividade vs. Auto-Retramento	2	Baixo
Equilíbrio II: Desenvolvimento do Indivíduo vs. Desenvolvimento da Relação	1	Baixo
Equilíbrio III: A Relação vs. o Mundo Exterior	3	Baixo
Avaliação Global da Qualidade da Relação	3	Baixo

No que concerne à partilha de **Afeto Positivo Diádico**, estão presentes alguns risos ou sorrisos ocasionais. No entanto, verificaram-se poucas expressões e evidências de afeto físico ou verbal e falta de reciprocidade entre o casal. Além disso, o *timing* e a tonalidade parecem artificiais, dando a sensação de que algum desse afeto está a ser exagerado ou utilizado como uma possível estratégia para reduzir a tensão derivada da situação de avaliação.

Relativamente ao **Afeto Negativo Diádico**, verificam-se episódios mínimos de reciprocidade rapidamente contidos, não se dando o processo de escalada. Quando o afeto negativo é expresso por um dos parceiros, o outro responde com um período de frieza ou tensão. Contudo, o casal retoma rapidamente o seu funcionamento neutro.

A **Raiva** desempenha um papel insignificante na interação identificando-se apenas um episódio de irritação.

A **Hostilidade** é pautada por alguma frieza emocional e alguns comentários de cariz adverso pela Mafalda que se constituem como críticas veladas, proferidas com sorrisos que visam camuflar o cariz hostil. Contudo, estes comentários não são devolvidos pelo Roberto, não se verificando reciprocidade/escalada neste processo.

Na **Resolução de Conflitos**, é observado um domínio de toda interação por parte da Mafalda, notando-se um elevado auto-retraimento do Roberto, que abstém de se expressar, dando azo a que a companheira mantenha a liderança da comunicação. É visível alguma colaboração mas as interações são restritivas e existe uma reduzida sensibilidade perante a perspectiva do outro tal como desconsideração pelos seus sentimentos.

No que concerne à **Base Segura**, verifica-se dificuldade por parte de ambos em funcionar como base segura para o outro e de a ele recorrer, averiguando-se poucos sinais de *careseeking* que não são mantidos pelo próprio perante a sua desconsideração pelo cônjuge.

Na escala **Equilíbrio I: Abertura e Assertividade vs. Auto-Retraimento**, o casal raramente mostra sinais de abertura e assertividade. Também aqui está patente um claro domínio da interação por parte do elemento feminino, sendo que no único momento em que Roberto manifesta a sua posição (relativamente à comunicação), Mafalda invalida-a e Roberto não lhe dá continuidade.

Na escala **Equilíbrio II: Desenvolvimento do Indivíduo vs. Desenvolvimento da Relação**, a interação diádica limita a expressão individual do Roberto, denotando-se uma supressão da sua identidade em prol da relação. Ademais, não são feitos quaisquer esforços no sentido de potenciar a interação. A cotação de muito baixo associa-se a casais em que pelo menos um dos seus elementos parece sentir-se suprimido pela interação diádica, o que é passível de verificar-se no Roberto.

Na escala **Equilíbrio III: A Relação vs. O Mundo Exterior**, percebe-se que apesar das tarefas serem completas o processo é restritivo e penoso. O casal é incapaz de se focar plenamente em trabalhar em equipa, dado a primazia do comportamento da Mafalda (sendo o papel do Roberto desconsiderado).

Respeitante à **Avaliação Global da Qualidade da Relação**, a existência de aspetos positivos é escassa. Contudo, é pertinente ressaltar que os aspetos de cariz negativo que existem não são particularmente relevantes. Esta relação não parece ser promotora de crescimento, especialmente pela inexistência de aspetos positivos.

#### d) Avaliação de Comportamentos Dominantes e de Submissão

Como podemos verificar nas tabelas posteriores, referentes à avaliação da comunicação entre o Roberto e a Mafalda durante a realização das tarefas, é o elemento feminino quem assume a dominância nos três níveis.

Tabela 3. Seleção de Problema

<b>Seleção de Problema</b>			
	<b>Dominância Quantitativa</b>	<b>Dominância Semântica</b>	<b>Dominância Interacional</b>
<b>Mafalda</b>	75%	100%	100%
<b>Roberto</b>	25%	0%	0%

Tabela 4. Resolução de Conflito

<b>Resolução de Conflito</b>			
	Dominância Quantitativa	Dominância Semântica	Dominância Interacional
Mafalda	75%	85%	95%
Roberto	25%	15%	5%

Tabela 5. Aspetos não problemáticos

<b>Aspetos Não Problemáticos</b>			
	Dominância Quantitativa	Dominância Semântica	Dominância Interacional
Mafalda	85%	85%	90%
Roberto	15%	15%	10%

Tabela 6. Ideal Couple Q-Sort

<b>Ideal Couple Q-Sort</b>			
	Dominância Quantitativa	Dominância Semântica	Dominância Interacional
Mafalda	90%	95%	100%
Roberto	10%	5%	0%

No que concerne à **seleção do problema**, esta foi feita pela Mafalda, que escolheu a “divisão de tarefas” e guiou toda a comunicação (justificando as percentagens expostas nas tabelas).

Relativamente à **resolução de conflitos**, é o elemento feminino quem inicia e mantém o diálogo durante os primeiros sete minutos (dominância quantitativa - 75%), apresentando, através da crítica, tópicos que pretende alterar: “O Roberto não limpa a banheira...não faz a cama...não sacode os tapetes...não limpa a louça, não lava, não põe a secar, não faz nada...”, enquanto Roberto simplesmente anui através de “hmm hmm” e do silêncio. No oitavo minuto desta interação, ele sugere fazerem uma lista com o que cada um pode fazer (único momento em que se expressa; 15% - dominância temática). Contudo, apesar de se apresentar disponível para fazer o que Mafalda propõe como solução, ela reitera no criticismo manifestando descrédito na capacidade de mudança do cônjuge (95% - dominância internacional).

Alusivo às **áreas positivas na relação**, é também o elemento feminino quem assume o poder na interação (considerar tabela 5). No vigésimo quarto minuto verificamos que Roberto expõe a sua opinião (“amigos”), e Mafalda desconsidera, decidindo sozinha quais os elementos positivos no relacionamento - tempos livres, nível familiar, sexualidade e comunicação. É pertinente ressaltar que ele não contrapõe, mesmo tendo considerado este último aspeto “muito problemático”. Porém, de seguida, no minuto vinte e seis, Mafalda atentou e questionou esta resposta ao que Roberto respondeu “falas muito”. Mafalda rejeita claramente a posição do companheiro, afirmando que isso não era um problema e que ele interpretara mal. Neste momento da interação percebeu-se um clima de tensão, sendo esta a circunstância em que esteve presente alguma frustração. Deu-se um minuto de silêncio e ausência de contacto ocular, interrompido pela entrada do entrevistador.

No que respeita à tarefa **Ideal Couple Q-Sort**, como refletem as percentagens na tabela 6, Mafalda domina a interação quantitativa, semântica e interacionalmente. Ela lê o cartão, interpreta-o e Roberto circunscreve-se a anuir àquele que é o posicionamento da companheira.

## 7. Discussão de Resultados

Posteriormente, proceder-se-á à discussão dos resultados tendo por base os objetivos específicos delineados.

O posicionamento generalizado em torno do modo como a organização da vinculação se associa às crenças e à qualidade dos relacionamentos dos indivíduos (e.g. Collins & Read, 1990) tem sido amplamente discutido. À luz deste paradigma, consideramos que a avaliação do presente casal exige o olhar cuidado sobre aquela que é a representação da relação íntima. Parece existir a alteração dos MID ao longo do ciclo de vida, possivelmente devido a experiências significativas cujo impacto potenciou mudanças na representação das relações.

Reconhece-se que indivíduos classificados como desligados desvalorizam a importância das relações íntimas, manifestam uma grande dificuldade em depender do outro e desconsideram a necessidade de proximidade e suporte, alegando uma crença na independência e auto-suficiência (Collins & Read, 1990; Hazan & Shaver, 1987), recorrendo a uma estratégia de desativação do sistema de vinculação (Bowlby, 1980). Assim, as relações são caracterizadas por reduzidos níveis de compromisso, emoções e comportamentos negativos dirigidos ao outro - sobretudo através do distanciamento (Roisman, Collins, Sroufe & Egeland, 2005) e por uma baixa responsividade às necessidades do par (Feeney & Noller, 1990). Regista-se um esforço em preservar o *self* e estabelecer o controlo, ainda que em detrimento da relação (Lima, 2009). Como se verifica na AAI do elemento masculino, Roberto revela incapacidade de recordar episódios que ilustrem as apreciações globais feitas, sendo este um dos critérios para a sua classificação Desligado. Considerando a máxima de Bowlby (1980), seria assumptível que, embora passível de revisão, a representação da relação atual também se pautasse por dificuldades na elicitação de episódios específicos e em recorrer ao outro como base segura (Lima, 2009) ou face a ele assim se constituir. Tal não se verifica, evidenciando os resultados da IRI que Roberto valoriza a relação íntima, tem uma adequada capacidade na identificação de mal-estar e de sinais de vulnerabilidade apresentados pela companheira, assim como disponibilidade para a prestação de cuidados, mostrando integridade e consistência na escala de *caregiving*. No que concerne à procura de cuidados é notória alguma dificuldade, possivelmente porque quando o faz Mafalda não se aporta como base segura. Na avaliação da dimensão comportamental, Roberto parece ser mais influenciado pela representação da relação íntima do que pela organização da vinculação, indicando que ele é mais positivo e integrado no MID específico do que no MID geral. Na idade adulta apresenta a capacidade de rever a relação atual e de se constituir,

de forma consistente, como base segura, denotando-se uma continuidade na representação da relação íntima e descontinuidade na organização da vinculação. Não obstante, o seu comportamento, nomeadamente no que concerne ao auto-retraimento, também manifesta concordância com a sua classificação de desligado. Estes resultados são consonantes com os dados de Cozzarelli, Hoekstra e Bylsma (2000), que sugerem que nos homens o MID específico contribui mais para a interação estabelecida com a companheira, enquanto para as mulheres são as experiências ocorridas com as figuras prestadoras de cuidados ao longo da sua história desenvolvimental que parecem ser mais determinantes na interação com o cônjuge.

No que respeita ao elemento feminino, a AAI revela a valorização das relações de vinculação e o reconhecimento do impacto das mesmas no seu desenvolvimento pessoal (aspectos consonantes com a classificação Seguro em relação à vinculação). Indivíduos com esta classificação propendem a ter facilidade em recorrer e constituir-se para o outro como base segura (Crowell, Fraley & Shaver, 1999), a sentir-se confortáveis com a interdependência que estabelecem e a manter uma relação íntima sem perder a individualidade e autonomia, sendo o balanceamento entre as suas necessidades, as do outro e as da relação tipicamente assegurado (Lima, 2009). Constata-se uma maior expressividade emocional, que resulta numa melhor comunicação e numa maior capacidade de negociação e resolução de conflitos, sendo utilizadas estratégias integrativas e colaborativas (Collins, 1999). Contudo, Mafalda adota a desativação como estratégia emocional. Os resultados da IRI afiguram-se consonantes com esta desativação, sendo particularmente possível verificá-la nas escalas de *careseeking* e *caregiving*, cujos valores foram baixos. Por sua vez, a dimensão comportamental no contexto da relação parece ser mais influenciada pela organização da vinculação (visto que desativa), que exerce maior peso do que a representação da relação íntima atual.

Segundo um estudo de Crowell e colegas (1998), existem quatro escalas que avaliam a qualidade da prestação de cuidados, designadamente: 1) interesse no parceiro ou "promoção da exploração", 2) reconhecimento de angústia, 3) interpretação do sofrimento e 4) capacidade de resposta ao sofrimento. Na interação diádica, foi possível observar que o comportamento do elemento feminino não é concordante com estas diretrizes. Mafalda demonstra indiferença perante a perspetiva do cônjuge relativamente aos diversos assuntos abordados, desvalorizando qualquer opinião e expressão de vulnerabilidade. Além disso, não tem facilidade em recorrer a Roberto nem em constituir-se como base segura para ele. Não parece capaz de reconhecer e interpretar os sentimentos do companheiro (o que dificulta uma resposta adequada) e não utiliza estratégias colaborativas na negociação e resolução de conflitos, exercendo comportamentos de distanciamento e dominância. No que concerne ao comportamento do Roberto, é notória alguma passividade que pode ser justificada pelo seu padrão de vinculação desligado tal como pela dominância exercida pela Mafalda. Segundo diversos autores, o

comportamento de uma pessoa tende a induzir ou restringir o comportamento do outro, podendo complementar-se. A noção de complementaridade prevê que os indivíduos tendem a comportar-se de forma semelhante em termos de afeto - carinho induz carinho e frieza induz frieza, e de um modo oposto em termos de dominância - domínio induz submissão e submissão induz domínio (Carson, 1969). Neste enquadramento, podemos considerar que o comportamento passivo e neutro do Roberto (que pode ser interpretado como submisso) está potencialmente relacionado com a dominância de Mafalda estando, deste modo, a complementaridade entre o casal presente. A teoria interpessoal sugere ainda que quando a complementaridade ocorre, os indivíduos experienciam uma interação satisfatória (Kiesler, 1983; Tracey, 1994). Tendo isto em consideração, podemos concluir que o Roberto e a Mafalda se complementam e experienciam um relacionamento afetivo e estável, visto que nenhum dos elementos parece sentir-se desconfortável com o processo que pauta a relação. O elemento feminino expõe a sua insatisfação e o companheiro anui às soluções apresentadas para atenuá-la e Roberto, apesar da indiferença e dominância de Mafalda, não manifesta descontentamento nem apresenta dúvidas relativamente à continuidade da relação.

Os pesquisadores sugerem que a complementaridade é um importante preditor de quão bem uma díade pode trabalhar junta. Previu-se que pares que alteram os seus comportamentos de forma complementar realizariam tarefas de forma mais rápida e precisa do que outras díades. É importante notar que a complementaridade pressupõe que a comunicação entre os participantes seja quase instantânea (Markey, Lowmaster & Eichler, 2010).

No decorrer das tarefas por parte do casal participante neste estudo, foi possível observar que a sua resolução não se realizava de forma fluída e que o discurso era impessoal e instrumental, contradizendo a complementaridade acima mencionada. No entanto, a complementaridade no que concerne à dominância e submissão manteve-se presente, sendo expressa a recursividade das interações.

Avaliando a resolução de conflito, percebe-se que não existe negociação no processo de interação deste casal. Mafalda assume todo o domínio e Roberto adota um comportamento pautado pelo auto-retraimento (considere-se o baixo valor na Escala Equilíbrio I: Abertura e Assertividade vs. Auto-Retraimento), não sendo capaz de apresentar consistentemente a sua posição e utilizando a submissão como resposta à crítica e ao elevado nível de dominância expresso pela companheira. O elemento feminino da díade aparenta mais habilidades comunicacionais e cognitivas o que pode fundamentar estes resultados, sendo importante referir que num momento da interação diádica Mafalda incitou o cônjuge a falar e ele não respondeu, mantendo o silêncio e a postura neutra. Mais uma vez foi expressa

a recursividade da interação, em que o comportamento do elemento feminino induz o comportamento do elemento masculino e vice-versa.

Para finalizar, atentando ao baixo resultado na Escala Equilíbrio II: Desenvolvimento do Indivíduo vs. Desenvolvimento da Relação, é possível concluir que esta relação não é potenciadora de desenvolvimento individual e que, de um modo geral, considerando a Escala Global da Qualidade da Relação, não encontramos coisas negativas mas a ausência das coisas positivas é tanta que nos faz duvidar da qualidade da interação.

## 8. Implicações e Limitações

Através da avaliação realizada, é possível apreender que a organização e a representação da vinculação interferem na qualidade das relações íntimas. A organização de ambos os elementos da díade parece estar associada a estratégias de desativação emocional e a representação da relação atual relacionar-se com o modo como as experiências precoces foram internamente organizadas, verificando-se continuidade na representação íntima face à organização da vinculação ou descontinuidade da relação íntima por referência à organização.

Por sua vez, a dimensão comportamental no contexto da interação diádica parece ver-se influenciada quer pela organização da vinculação, quer pela representação da relação íntima, nomeadamente no que respeita ao processo de resolução de conflito e à base segura.

Como contributo do presente estudo, pode apontar-se a introdução de elementos importantes na leitura dos processos desenvolvimentais e crê-se que pode ser relevante para processos terapêuticos com casais, bem como no desenvolvimento de programas de promoção de relacionamentos adaptativos, com elevados níveis de satisfação e compromisso.

No que concerne às limitações surgidas ao longo deste trabalho, destaca-se o *setting* no qual a avaliação decorreu. O seu carácter artificial pareceu influir no comportamento do casal, que mostrou um certo desconforto e dificuldade no envolvimento, não apenas na tarefa, mas também no modo de se expor e atender às necessidades do outro. Parece ter sido inibidor da fluidez de um processo de resolução de conflitos e interação diádica. O facto de estarem “frente a frente” e do presente trabalho estar inserido num estudo mais amplo que visava avaliar as respostas psicofisiológicas (recorrendo a ferramentas de avaliação inibidoras de uma grande mobilidade dos participantes) pode também ter sido um opressor da expressão. É assim possível que a diminuta interação diádica e os resultados da

CIT se associem às características do *setting*, ficando-se na dúvida se o auto-retraimento por parte do elemento masculino e o comportamento de dominância adotado pela companheira se devem à relação ou ao ambiente de avaliação. Esta limitação pressupõe que futuramente a investigação contemple equipamento que viabilize um caráter menos artificial.

No que à avaliação das dinâmicas abusivas diz respeito, esta contemplou exclusivamente uma dimensão observacional, nomeadamente a dominância que, apesar de se assumir como um dos comportamentos primordiais associados ao controlo do parceiro e de Mafalda apresentar esta capacidade, os comportamentos e as exibições de afeto negativo associadas à mesma não estão presentes. Roberto aparenta ser mais incompetente e dependente o que pode justificar o seu papel mais neutro na interação, sendo pertinente explorar características pessoais que possam interferir nestes resultados. Além disso, o processo de escalada que geralmente surge em relacionamentos abusivos não se verifica de todo neste casal. Neste âmbito, poderia ser interessante fazer-se a avaliação da sintomatologia psicopatológica nos elementos da díade, recorrendo-se, por exemplo, ao *Brief Symptom Inventory* (BSI), verificando se existem sintomas (como depressão e ansiedade) que geralmente se associam com experiências abusivas.

Para finalizar, este trabalho compreendeu uma díade não envolvida em processo terapêutico, individualmente ou enquanto casal. Assim, com base no presente estudo de caso e visando a terapia de casal em geral, consideramos que uma abordagem à intervenção psicoterapêutica que assente na observação e avaliação da interação diádica de casais, pode ser particularmente relevante para a planificação das tarefas (a serem realizadas pela díade no período entre sessões) que vão de encontro às suas necessidades e promovam a mudança.

## Referências Bibliográficas

- Ainsworth, M., & Bowlby, J. (1991). An Ethological Approach to Personality Development. *American Psychologist*, 46(4), 333-341.
- Ainsworth, M. (1991). Attachments and other affectional bonds across the life cycle. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hide & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle*. London: Routledge.
- Akin, A. (2009). Self-Compassion and Submissive Behavior. *Education and Science*, 34, 138-147.
- Alarcão, M. (2006). *(Des)equilíbrios familiares*. Coimbra: Editora Quarteto.
- Alvim, S. & Souza, L. (2005). Violência Conjugal numa Perspectiva Relacional: Homens e Mulheres Agredidos / Agressores. *Psicologia: Teoria e Prática – 2005*, 7(2): 171-206, Universidade Federal do Espírito Santo.
- Anton, I. C. (2002). *Homem e mulher: seus vínculos secretos*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Artigas, L. (2017). *La Interacción entre la Alianza Terapéutica y el Ajuste Diádico en Terapia de Pareja para la Depresión: Aproximación al Proceso Terapéutico desde el Diálogo Abierto*. Barcelona: Universitat Ramon Llull (Tese de doutoramento não publicada).
- Balão, T. (2012). *Intimidade e Satisfação na Conjugalidade*. (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação Universidade do Porto.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Separation Anxiety and Anger*. London: Basic Books.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss: Loss, Sadness and Depression*. London: Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). *A Secure Base: clinical applications of attachment theory*. London: Routledge.
- Bowlby, J. (1988). *A Secure Base: Parent-Child Attachment and Healthy Human Development*. New York: Basic Books.
- Bretherton, I. (1985). Attachment Theory: Retrospect and Prospect. *Monographs of The Society for Research in Child Development*, 50(1-2), 3-35.

- Bretherton, I. (1992). The origins of Attachment Theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28, 759-775.
- Campbell, J., & Lewandowski, L. (1997). Mental and Physical Effects of Intimate Partner Violence on Women and Children. *The Psychiatric Clinics of North America*, 20, 353-374.
- Carson, R. (1969). *Interaction concepts of personality*. Chicago: Aldine.
- Cascardi, M., Langhinrichsen, J., & Vivian, D. (1992). Marital Aggression: Impact, Injury and Health Correlates for Husbands and Wives. *Archives of Internal Medicine*, 152, 1178-1184.
- Cassidy, J. (2000). Adult Romantic Attachments: A Developmental Perspective on Individual Differences. *Review of General Psychology*, 4(2), 111-131.
- Cassidy, J. (2001). Truth, lies, and intimacy: An attachment perspective. *Attachment & Human Development*, 3(2), 121-156.
- Choi, H., Marks, N. (2008). Marital Conflict, Depressive Symptoms and Functional Impairment. *Journal of Marriage and Family*. 70(2), 377-490.
- Coker, A., Smith, P., Bethea, L., King, M., McKeown, R. (2000). Physical Health Consequences of Physical and Psychological Intimate Partner Violence. *Archives of Family Medicine*, 9, 1015-1023.
- Collins, N., & Feeney, B. (2004). An Attachment Theory Perspective on Closeness and Intimacy. In D. Mashek & A. Aron (Eds.), *Handbook of closeness and intimacy*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers.
- Collins, N., & Read, S. (1990). Adult Attachment, Working Models and Relationship Quality in Dating Couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(4), 644-663.
- Collins, W. A., & Sroufe, L. A. (1999). Capacity for Intimate Relationships: A Developmental Construction. In W. Furman, B. B. Brown & C. Feiring (Eds.), *The Development of Romantic Relationships in Adolescence* (pp. 125-147). New York: Cambridge University Press.
- Colossi, P. M., & Falcke, D. (2013). Gritos do Silêncio: a violência psicológica no casal. *Psico*, 44(3), 310-318.

- Colossi, P. M., Razera, J., Haack, K. R., & Falcke, D. (2015). Violência conjugal: prevalência e fatores associados. *Contextos Clínicos*, 8(1), 55-66.
- Conger, R.D., Cui, M., Bryant, C.M., & Elder, G.H. (2000). Competence in Early Adult Romantic Relationships: A Developmental Perspective on family influences. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79, 224-237.
- Costa, M. E. (2005). *À Procura da Intimidade* (1ªEd.). Edições Asa.
- Cozzarelli, C., Hoekstra, S. J., Bylsma, W. (2000). General versus specific models mental of attachment: are they associated with different outcomes? *Personality and Social Psychology Bulletin*, 26 (5), 605-618.
- Crespo, C. (2007). *Rituais familiares e o casal: paisagens inter-sistémicas*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Crittenden, P.M., Partridges, M.F., & Claussen, A.H. (1991). Family patterns of relationship in normative and dysfunctional families. *Development and Psychopathology*, 3, 491-512.
- Crowell, J., Fraley, R., & Shaver, P. (1999). Measurement of individual differences in adolescent and adult attachment. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.). *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 434-465). New York: The Guilford Press.
- Crowell, J. & Treboux, D. (1995). A review of adult attachment measures: Implications for theory and research. *Social Development*, 4, 294-327.
- Crowell, J., & Treboux, D. (2001). Attachment security in adult partnerships. In C. Clulow (Ed.), *Adult Attachment and Couple Psychotherapy* (pp. 28-42). London: Brunner-Routledge.
- Dutton, D.G., Saunders, K., Starzomski, A., & Bartholomew, K. (1994). Intimacy-Anger and Insecure Attachment as Precursors of Abuse in Intimate Relationships. *Journal of Applied Social Psychology*, 24, 1367-1386.
- Feeney, J. (1999). Adult romantic attachment and couple relationships. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 355- 377). New York: Guilford Press.

- Feeney, J., & Noller, P. (1990). Attachment Style as a Predictor of Adult Romantic Relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(2), 281-291.
- Feeney, J., & Noller, P. (1996). *Adult Attachment*. Thousand Oaks: SAGE Publications.
- Figueiredo, B., Paiva, C., Matos, R., Maia, A., Fernandes, E. (2001). *História de abuso durante a infância*.
- Fincham, F. D. (2003). Marital conflict: correlates, structure, and context. *Psychological Science*, 12, 23-27.
- Fortuna, K., Holland, A. S., Roisman, G. I., Haydon, K. C., & Groh, A. M. (2011). Attachment States of Mind and the Quality of Young Adults' Sibling Relationships. *Developmental Psychology*, 47(5), 1366-1373.
- Fuller, T., & Fincham, F. (1995). *Attachment style in married couples: Relation to current marital functioning, stability over time, and method of assessment*. *Personal Relationships*, 2, 17-34.
- George, C., Kaplan, N., & Main, M. (1985). *The Adult Attachment Interview*. Unpublished manuscript, University of California at Berkeley.
- Greeff, A.P., & Bruyne, T. (2000). Conflict management style and marital satisfaction. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 26, 321-334.
- Gilbert, P. (2007). Thinking, self-awareness, social goals and the role of shame in depression. In P. Gilbert (Ed.) *Psychotherapy and counselling for depression*, (pp.112- 144). London: Sage.
- Grossmann, K., Winter, M., & Zimmermann, P. (2002). Attachment relationships and appraisal of partnership: from early experience of sensitive support to later relationship representation. In L. Pulkkinen & A. Caspi (Eds.), *Paths to successful development: Personality in the life course*. Cambridge: University of Cambridge.
- Haltigan, J. D., Roisman, G. I., & Haydon, K. C. (2014). II. The latent structure of the adult attachment interview: exploratory and confirmatory evidence. *Monographs of The Society For Research in Child Development*, 79(3), 15-35.
- Haydon, K. C., Collins, W. A., Salvatore, J. E., Simpson, J. A., & Roisman, G. I. (2012). Shared and Distinctive Origins and Correlates of Adult Attachment Representations: The Developmental Organization of Romantic Functioning. *Child Development*, 83(5), 1689-1702.

- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry*, 5, 1-22.
- Hazan, C., & Zeifman, D. (1999). Pair Bonds as Attachments: Evaluating the Evidence. In Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1990). Love and Work: an Attachment Theoretical Perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 270-280.
- Karabekiroglu, K. (2011). Mother-Child Relationship and Neurobiology of Attachment. *National Child and Adolescent Psychiatry Summary Book*, 21, 37-38.
- Kiesler, D. J. (1983). The interpersonal circle: A taxonomy for complementarity in human transactions. *Psychological Review*, 90, 185-214.
- Levy, L., Gomes, C. (2008). Relação conjugal, violência psicológica e complementaridade fusional. *Psicologia Clínica*, 20(2), 163-172.
- Lima, V. (2009). *Vinculação, Representação da Relação Íntima e Interação Diádica em Adultos*. (Dissertação de doutoramento). Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Lima, V., Vieira, F., Soares, I. (2006). *Vinculação em casais: avaliação da representação da intimidade e da interação conjugal*. *Psicologia*, 20(1), 51-63.
- Linder J., Collins, W. (2005). Parent and peer predictors of physical aggression and conflict management in romantic relationships in early adulthood. *Journal of Family Psychology*. 19(2), 252-262.
- Lopes, C. (2008). *Avaliação da representação das relações íntimas, comportamento diádico e percepção da vinculação: estudo exploratório*. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Lown, E.A. & Veja, W.A. (2001). Intimate partner violence and health: Self-assessed health, chronic health, and somatic symptoms among Mexican American women. *Psychosomatic Medicine*, 63, 352-360.

- Magalhães, A., Feres-Carneiro, T. (2003). *Conjugalidade e subjectividades contemporâneas: o parceiro como instrumento de legitimação do “eu”*.
- Magalhães, T. (2010). *Violência e Abuso: Respostas simples para questões complexas*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Main, M., Hesse, E. & Kaplan, N. (2005). Predictability of attachment behaviour and representational processes at 1, 6 and 19 years of age: the Berkeley longitudinal study. In K.E. Grossman, K. Grossman, & E. Waters (Eds.), *Attachment from Infancy to Adulthood: The major longitudinal studies* (pp. 245-304). New York: The Guilford Press.
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: a move to the level of representation. *Monograph Of The Society For Research In Child Development*, 50(1/2), 66-104.
- Marques, T. (2005). *Violência Conjugal: Estudo sobre a permanência da mulher em relacionamentos abusivos*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e do Trabalho. Universidade Federal de Uberlândia, Brasil.
- Matos, M. (2006). *Violência nas Relações de Intimidade: Estudo sobre a mudança terapêutica na mulher*. Tese de Doutoramento em Psicologia. Universidade do Minho. Braga.
- Narciso, I., Costa, M. (1996). Amores satisfeitos, mas não perfeitos. *Cardernos de consulta psicológica*, 12, 115-130.
- Norgren, M. B. P., Souza, R. M., Kaslow, F., Hammerschmidt, H. & Sharlin, S. A. (2004). 53 Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 9, 575-584.
- Ostrov, J., Colins, A. (2007). Social Dominance in Romantic Relationships: A Prospective Longitudinal Study of Non-verbal processes. *Review of Social Development*, 16(3), 580-595.
- Paim, K., Madalena, M., & Falcke, D. (2012). Esquemas iniciais desadaptativos na violência conjugal. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 8 (1), 31-39.
- Paiva, C., Figueiredo, B. (2003). Abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: Definição, prevalência, causas e efeitos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 4 (2), 165-184.

- Pietromonaco, P. R., & Barrett, L. F. (2000). The internal working models concept: What do we really know about the self in relation to others? *Review Of General Psychology*, 4(2), 155-175.
- Pinheiro, S. (2015). *A influência dos estilos de vinculação e dos esquemas precoces não-adaptativos nas relações interpessoais – um estudo com casais*. (Dissertação de Tese de Mestrado). Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida.
- Prager, K. J., & Roberts, L. (2004). Deep Intimate Connection: Self and Intimacy in Couple Relationships. In D. Mashek & A. Aron (Eds.), *Handbook of Closeness and Intimacy* (pp. 43-60). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Ramos, M. & Oltramari, L. (2010). Atividade Reflexiva com Mulheres que Sofreram Violência Doméstica. *Psicologia Ciência e Profissão*, 30 (2), 418-427.
- Relvas, A. P. (2006). *O ciclo vital da família – Perspetiva sistémica* (4ª ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Rocha, G. Laland, P., Caldeira, S., Sousa, A., Palos, A. & Soares, D. (2010). *A Violência Doméstica na Região Autónoma dos Açores – Estudo Sócio-Criminal*. Direção Geral de Administração Interna. Cadernos da Administração Interna.
- Roisman, G., Collins, A., Sroufe, A., & Egeland, B. (2005). Predictors of young adults' representations of and behavior in their current romantic relationship: Prospective tests of the prototype hypothesis. *Attachment & Human Development*, 7(2), 105-121.
- Seikkula, J., Laitila, A., & Rober, P. (2012). Making sense of multi-actor dialogues in family therapy and network meetings. *Journal of Marital and Family Therapy*, 38(4), 667-687.
- Seikkula, J., & Olson, M. (2016). Therapist's Responses for Enhancing Change Through Dialogue: Dialogical Investigations of Change. En M. Borsca & P. Rober (Eds.), *Research Perspectives in Couple Therapy* (pp. 47-69). Suíça: Springer International Publishing.
- Seikkula, J. (2002). Open dialogues with good and poor outcomes for psychotic crises: Examples from families with violence. *Journal of Marital and Family Therapy*, 28, 263-274.
- Sardinha, A., Falcone, O., Ferreira, C. (2009). As relações entre a satisfação conjugal e as habilidades sociais percebidas no cônjuge. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(3), 395-402.

- Schraiber, L., d' Oliveira, A., Portella, A. & Menicucci, E. (2009). Violência de gênero no campo da Saúde Coletiva: conquistas e desafios. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(4), 1019-1027.
- Simpson, J. A., Collins, W. A., Tran, S., & Haydon, K. C. (2007). Attachment and the experience and expression of emotions in romantic relationships: A developmental perspective. *Journal Of Personality And Social Psychology*, 92(2), 355-367.
- Soares, I. (2009). *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: teoria e avaliação*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Straus, M.A., & Sweet, S. (1992). Verbal/symbolic aggression in couples: Incidence rates and relationships to personal characteristics. *Journal of Marriage and the Family*, 54, 346-357.
- Swinford, S.P., DeMaris, A., Cernkovich, S.A., & Giordano, P.C. (2000). Harsh physical discipline in childhood and violence in later romantic involvements: The mediating role of problem behaviors. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 508-519.
- Tam, C. L. & Lim, S. G. (2008). A study of marital conflict on measures of social support and mental health problems. *Sunway Academic Journal*, 5, 97-111.
- Tracey, T. J. (1994). An examination of complementarity of interpersonal behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67, 864-878.
- Vall, B., Seikkula, J., Laitila, A., Holma, J. (2015). Dominance and Dialogue in Couple Therapy for Psychological Intimate Partner Violence. *Contemporary Family Therapy: An International Journal*. 38(2), 223-232.
- Van Ijzendoorn, M. (1995). Adult attachment representations, parental responsiveness, and infant attachment: A meta-analysis on the predictive validity of the Adult Attachment interview. *Psychological Bulletin*, 117, 387-403.
- Walker, L. (1999). Psychology and domestic violence around the world. *American Psychologist*, 54, 1; *Psycarticles pg. 21*.
- Waters, E., Cummings, E. (2000). A Secure Base From Which To Explore Close Relationships. *Child Development, Special Millennium issue*.

- Waters, H. S., & Waters, E. (2006). The attachment working models concept: Among other things, we build script-like representations of secure base experiences. *Attachment & Human Development*, 8(3), 185-197.
- Weiss, & R. (1991). The attachment bond in childhood and adulthood. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle*. London: Routledge.
- Wekerle, C., & Wolfe, D. (1998). The role of child maltreatment and attachment style in adolescent relationship violence. *Development and Psychopathology*, 10, 571-586.